

GARCIA; Luciana Carmona¹, ARAÚJO; Lúcia Mara Boin Menossi de²

RESUMO

Introdução

O trabalho da mulher é desvalorizado socialmente ainda na atualidade, embora sua participação no mercado de trabalho tenha alcançado todas as áreas de atuação, antes, exclusivamente, exercidas pelos homens, ela ainda continua ganhando menos, por exemplo. Historicamente, a mulher tem atuado profissionalmente em áreas associadas ao cuidado e ao assistencialismo como a Pedagogia, a Enfermagem, dentre outras áreas correlacionadas.

De acordo com Schienbinger (2001, p.118),

Numa cultura que dá preferência às coisas masculinas, as meninas hoje podem dizer que querem ser "policiais femininas", pilotos ou advogadas. Mas os meninos raramente escolhem da parte tradicionalmente feminina da vida, raramente exprimindo um forte desejo de virem a ser um enfermeiro, um dono-de-casa ou um professor primário.

A ideia que ainda circula no cotidiano é que a mulher é responsável pelo trabalho doméstico, tendo ou não uma vida profissional fora do lar. Ademais, esse modelo/exemplo vem sendo repetido nos mais diversos lugares sociais, reverberando um modelo do que é ser mulher-mãe-profissional que pode reafirmar estereótipos de gênero. Nesse caminho, propomos uma análise discursiva de *posts* do Instagram de modo a: verificar como esses discursos produzem sentido em torno da figura da mulher-mãe-cientista; e, igualmente, tecer uma reflexão sobre como esse material recupera uma memória discursiva em torno do fazer científico da mulher mãe. Para tanto, embasamo-nos teórico-metodologicamente na análise do discurso de orientação francesa, sobretudo, nos postulados de Pêcheux (2007), Davallon (2007), Amossy e Pierrot (2010) e Foucault (2014).

Métodos e fundamentação teórico-metodológica

Buscamos observar o regime de discursividade em que funciona o que denominamos "dispositivo da maternidade na ciência" (ARAÚJO; MANZANO, 2020), a partir de práticas discursivas que circulam nas redes sociais da atualidade, especialmente, para este estudo, na plataforma Instagram. Associadas a perfis públicos acadêmicos, institucionais e de grupos de pesquisa, as práticas discursivas se materializam em postagens de linguagem sincrética, articulando linguagem imagética e verbal, obedecendo à ordem de funcionamento da materialidade digital no Instagram, que exige arquivos no formato *.jpg*. Compreendendo o dispositivo como um conjunto heterogêneo de práticas sociais no qual se inserem leis, projetos, grupos de pesquisa, eventos, organizações acadêmicas e redes de apoio e que funciona a partir da articulação discursiva, é possível observar, tal qual conceitua Foucault (2014), a emergência de uma demanda temática - a mãe cientista - que promove um preenchimento estratégico e traz à tona uma questão que se fortalece como essencial no campo profissional, e que, por uma via de mão dupla, permite a construção de um certo tipo de estereótipo (AMOSSY & PIERROT, 2010) discursivo para a cientista mãe.

Portanto, é preciso considerar as determinações históricas que promoveram condições de emergência para enunciados que colocam em circulação a temática da maternidade, e as condições tecnológicas que vão ampliar o alcance da circulação dessa temática, que nos permite observar seu funcionamento nas redes sociais, como o Instagram.

Neste trabalho, buscamos jogar luz à questão: como se dá a ver a representação da mulher mãe cientista na circulação de postagens que defendem a valorização do trabalho acadêmico da mulher?

Memória discursiva

Para analisarmos os *posts* de redes sociais, é preciso considerar sua composição verbal e não verbal, assim, as imagens produzem sentidos em consonância com a materialidade linguística que as acompanham. Nessa direção, podemos entender o funcionamento discursivo da imagem a partir do que teoriza Davallon (2007)

¹ UNIVERSIDADE DE FRANCA, luciana.garcia@unifran.edu.br

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, lliamenossi@ufscar.br

quando afirma que se trata de um operador de memória social por possibilitar que a realidade seja representada de modo a conservar a força das relações sociais, ou seja, é possível materializar na imagem um relato de ações, por exemplo.

Portanto, a eficácia simbólica da imagem emerge como algo que se inscreve em uma memória discursiva e acaba por afastar alguns fatos do discurso porque chama para si o lugar de protagonista na materialidade discursiva. Nesse sentido, a imagem passa a atuar como operador da memória social quando negocia com um acontecimento histórico que irrompe de maneira singular e com o dispositivo de uma memória. Como operadora de memória social, a imagem comporta um programa de leitura no interior dela mesma, produz um percurso escrito em outro lugar e, por isso, conduz a uma repetição e assim, mostra como ela funcionaria enquanto trajeto enumerativo (PÊCHEUX, 2007).

Esse processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória se dá por meio de uma tensão contraditória e “sob uma dupla forma-limite que desempenha o papel de ponto de referência: o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever e o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido” (PÊCHEUX, 2007, p.50 e 51). Essa questão nos faz voltar à discussão sobre a memória estruturar a materialidade discursiva já que pode existir na esfera do icônico uma possível “combinatória culturalmente determinada dos segmentos gestuais” (PÊCHEUX, 2007, p. 52).

A regularização, contudo, pode abater-se ao se defrontar com um acontecimento novo que vem, então, desestabilizar a memória, essa que tende a absorver esse acontecimento novo que desestabiliza a regularização e, ao mesmo tempo, abre uma nova série que faz com que os implícitos sedimentados até o momento se desloquem do sistema de regularização anterior (ACHARD, 2007), é o que pode ser chamado de jogo de força da memória sob o choque do acontecimento.

Esse jogo de força da memória busca manter a regularização por meio de dois mecanismos: a estabilização parafrástica que negocia a absorção do acontecimento e sua possível dissolução ou também a busca pela desregulação desse acontecimento novo que vem perturbar a rede de implícitos pré-existentes.

O que buscamos como analistas do discurso inspiradas nas teorias sobre a memória é justamente o que afirma Pêcheux (2007), ou seja, a análise do discurso deve voltar-se para os efeitos de opacidade como o momento em que os implícitos estão desestabilizados ou não são mais reconstrutíveis. A questão é resgatar uma memória não concebida como uma esfera plena,

cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2007, p. 56).

Análises

Nossa análise se inicia a partir da localização de uma regularidade icônica recorrente, que inscreve a imagem do saber nominalizado “Ciência”. Essa regularidade histórica de uma imagem que opera uma memória social funciona como uma síntese de representação imagética, tal qual se pode observar na imagem de que nos valem a seguir:



Figura 1 - Representação da Ciência

Fonte: <https://facepe.br>

Na iconografia do saber científico, a representação imagética dos elementos químicos e biológicos simboliza historicamente o saber sobre o que é a Ciência, associado às ciências STEMs. Essa memória social também faz

funcionar, no digital, a representação das STEMs quando se observa o algoritmo de pesquisa nos sites de busca. A imagem acima é disponibilizada quando se digita o termo *ciência* e se seleciona a aba “imagens” no buscador *Google*. A partir desta imagem síntese, observamos a regularidade do nosso material de análise, que apresentamos a seguir.

Resultados

A partir da entrada de busca #mãecientista na rede social Instagram, coletamos postagens públicas, do ano de 2021, dadas à circulação em perfis institucionais, acadêmicos e de grupos de pesquisa para compor nosso *corpus* de análise.

Frederici (2019) afirma que o trabalho doméstico historicamente atribuído às mulheres é parte de uma engrenagem de opressão que dissemina a submissão feminina e o trabalho do cuidado não remunerado, o que provoca dissensos em relação a divisão de tarefas domésticas e vai ao encontro da descaracterização dos trabalhos que se voltam para o cuidado como de professoras da educação infantil, do ensino fundamental e do médio que, na sua maioria, estudam em cursos de humanas.



Figura 1 - Postagem 18 de abril de 2021 do Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade

Fonte: @nucleomaterna Instagram

O post acima é parte de uma série de imagens que o compõem (o que comumente chamamos de carrossel de imagens nas postagens nas redes sociais), a que selecionamos para nossa reflexão, traz ao fundo o rosto sério da cientista e mãe Marie-Curie que não só foi a primeira ganhadora do Prêmio Nobel como conseguiu repetir o feito em razão da descoberta da radioatividade, o discurso verbal colocado a frente de seu rosto traz um quadro com a data de nascimento e morte "1867 - 1934" seguido de: "É difícil imaginar a vida cotidiana de Marie Curie como mãe. Mas, embora ela fosse implacável em suas atividades científicas, também era dedicada às filhas (...)", há, portanto, a produção de efeito de sentido pelo uso do conectivo "embora" que, numa primeira leitura, entendemos como uma mulher que era excelente no seu trabalho conseguia também cuidar das filhas, outra possibilidade interpretativa é a de que mesmo sendo cientista, ela também conseguiu cuidar das filhas. Ademais, a questão central aqui é o fato da postagem trazer Marie-Curie, mulher, mãe e cientista do campo das ciências exatas. Diante do que nos trouxeram os algoritmos, essa postagem, tal como outras, traz a imagem de uma cientista de importância singular para os estudos sobre radioatividade, há um suposto apagamento da imagem das cientistas em outras áreas como aquelas que também teriam grandes feitos.

¹ UNIVERSIDADE DE FRANCA, luciana.garcia@unifran.edu.br

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, ligiamenossi@ufscar.br



Figura 2 - Postagem 28 de janeiro de 2021 do programa RADIS de Comunicação e Saúde Fiocruz

Fonte: @radisfiocruz Instagram

Algo semelhante se dá na figura acima que representa o post da Fiocruz no qual observamos uma mulher diante de um microscópio posicionado em cima de uma bancada, junto dela, mais especificamente, nas suas costas com o que entendemos ser um "canguru" está uma criança, seu filho. Aqui como no post anterior, a imagem traz o microscópio como símbolo das áreas das ciências, elemento simbólico que faz emergir uma regularização acerca da temática.

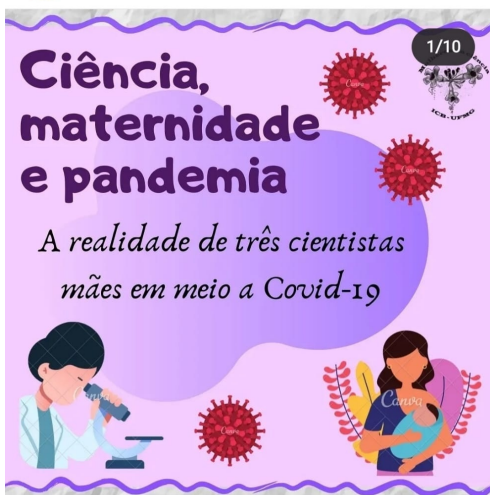


Figura 3 - Postagem 21 de setembro de 2021, do Grupo Mulheres na Ciência do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG

Fonte: @mnc_icbufmg

A figura 3 traz elementos imagéticos diversos, junto com os enunciados "Ciência, maternidade e pandemia - a realidade de três cientistas mães em meio a Covid-19" acompanhada de três imagens, uma delas está em vermelho, entendemos ser a representação de um vírus ou bactéria, a outra é uma mulher segurando um bebê e a terceira trata-se de uma mulher olhando em um microscópio. Logo, podemos afirmar que os implícitos são dados a ver quando colocados numa série, o que significaria dizer que ao mostrar a regularidade dos elementos que se referem a área como exatas, biológicas ou ainda as STEMs, notamos que a o sentido caminha para sedimentar o estereótipo da cientista enquanto aquela que usa jaleco ou faz uso de um microscópio.

¹ UNIVERSIDADE DE FRANCA, luciana.garcia@unifran.edu.br

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, ligiamenossi@ufscar.br



Figura 5 - Postagem do dia 9 de maio de 2021, pela Liga Acadêmica de Microbiologia da UNINASSAU

Fonte: @lamicro_uninassau Instagram

Observamos também que essa construção de sentido também se volta para a retomada do que está acordado como símbolo da ciência, o átomo que tem como centro a imagem de uma mulher que carrega em sua mão direita um tubo de ensaio e na esquerda um bebê. Aqui, a mãe cientista trabalha nas áreas que envolvem a vestimenta de um jaleco para lidar com materiais em tubos de ensaio; mais uma vez, há a retomada da imagem da mulher, mãe e cientista em torno de áreas específicas.

Considerando que a memória discursiva é entendida como um movimento que recupera os implícitos, os pré-construídos, os elementos citados, os relatados e os discursos transversos, ou seja, faz ver, por meio dos discursos verbais e não verbais, elementos por meio de uma regularização, observamos que em todos os posts acima, há a remissão a elementos das STEMs.



Figura 4 - Postagem 16 de outubro de 2021, do projeto Movimento Mães Universitárias

Fonte: @maesuniversitariascx

Essa repetição, contudo, é abalada por meio da irrupção de um acontecimento novo que surge para desestabilizar a memória, que busca absorvê-lo, ou seja, mesmo com a postagem desse elemento novo, a repetição das imagens da STEMs continua acontecendo com quem surge para absorver o diferente. Na figura 4, o pano de fundo é o enunciado "Onde estão as mães cientistas com filhos de 0 a 5 anos de idade?", uma mulher sentada à frente de uma mesa de trabalho, olhando para a tela de um computador, segurando uma criança no colo, o trabalho está sendo realizado em casa, pois observamos elementos como plantas, retratos e um gato de estimação presentes. Tomamos este post como um acontecimento que possibilita a

¹ UNIVERSIDADE DE FRANCA, luciana.garcia@unifran.edu.br

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, ligiamenossi@ufscar.br

irrupção de uma nova série que faz com que os implícitos sedimentados até o momento (as mães cientistas são das áreas da STEMs) se desloquem do sistema de regularização exposto nas figuras acima e promovam o que Achard (2007) chama de jogo de força na memória sob o choque do acontecimento.

Conclusões

Consideramos que o dispositivo da mãe cientista gera, no ambiente digital, uma demanda que suscita um determinado preenchimento estratégico, ou seja, o olhar para as mães que não são das STEMs que irrompe em algum lugar/momento histórico em uma outra sobre-determinação que permite que esse enunciado da mãe cientista que não é ligado a mãe das STEMs possa surgir situado a partir da memória discursiva sobre as mulheres na ciência. Nessa direção, a mulher ali retratada no computador permite a irrupção de outros sentidos que operam uma desnaturalização do fazer científico como de um só lugar, campo ou área.

Londa Schiebinger (2001) argumenta que as mulheres elaboram o saber científico de maneira diferente do modo competitivo e reducionista dos homens. Elas tendem a ser pensadoras holísticas e integrativas, mais pacientes, persistentes e atentas a detalhes (p.28), dispostas a esperar que os dados de pesquisa falem por si mesmos ao invés de forçar respostas (p.28). Para Schiebinger, essa maneira 'feminina' de perceber e fazer a ciência é uma variável importante e poderosa, capaz de alterar o que cientistas estudam ou a escolha dos tópicos de pesquisa. No entanto, a incorporação das mulheres à ciência não pode e não deve ocorrer sem conturbações na ordem vigente, pois demanda profundas mudanças estruturais na cultura, nos métodos e no conteúdo da ciência.

Referências:

ACHARD, P. Memória e produção discursiva de sentido. In: PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. Campinas: Editora Pontes, 2007. p. 11-22.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereótipos y clichés**. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 4. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010 [1997].

ARAUJO, L. M. B. M.; MANZANO, L. C. G. . Identidades e (não)lugares da maternidade na ciência: discursos e contra-discursos nas mídias contemporâneas. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978), v. 49, p. 1185-1199, 2020. Disponível em: < <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2644> > Acesso em 16 de março de 2021.

Fator F. **Gênero e Número**. 25 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RukTR9VHcUg&t=27s>. Acesso em: 1 maio 2021.

FOUCAULT, M. O jogo de Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. da (org.). Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. *Ditos e Escritos IX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

PÊCHEUX, M.. **O papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. In.: ACHARD, P et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-58.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?*. Bauru: EDUSC, 2001. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/schibinger-2001.pdf>>.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, maternidade, ciência, estereótipo, dispositivo

¹ UNIVERSIDADE DE FRANCA, luciana.garcia@unifran.edu.br

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, ligiamenossi@ufscar.br